

Os filmes de Bruno

No último filme, *The Lovebirds*, Bruno de Almeida juntou no elenco dois ex-Sopranos, a filha de De Niro, o internacional Joaquim de Almeida, o realizador Fernando Lopes e o empresário Joe Berardo. Aos 42 anos, passou as duas últimas décadas nos EUA. Em Portugal, poucos o conhecem

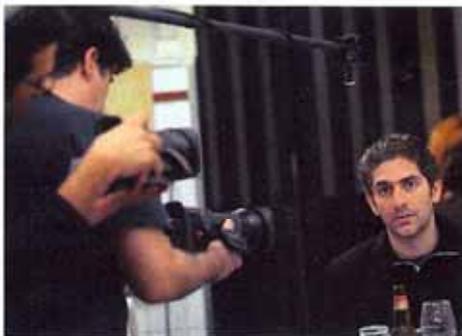
Texto de Raquel Carrilho
Fotografias actuais de João Francisco Vilhena

 PERFIL

FUMA ofegantemente o último cigarro antes de entrar no anfiteatro do São Jorge, já cheio. Cerca de 900 pessoas, para a estreia do seu último filme. O nervosismo de Bruno de Almeida transparece nos pequenos gestos. A seu lado, Manuel João Vieira, o vocalista dos Ena Pá 2000 que quis ser Presidente da República em 2001. A amizade é longa, nasceu na infância e envelheceu com eles. Ali ficaram juntos, na escadaria do São Jorge, até ao último toque. Entraram na sala já no escurinho, ou não fosse Bruno, nas palavras da mãe, «um tímido».

No final, perante a ovação da plateia a *The Lovebirds* (uma encomenda da mostra de cinema digital, Lisbon Village Festival), Bruno quase nem falou. A timidez, outra vez. Mas foi desaparecendo com a convicção do sucesso. Estava orgulhoso. Os pés mal tocavam o chão.

É «a sobrevivência» o tema forte de *The Lovebirds*. São pessoas que precisam umas das outras, «como os prédios de Lisboa se apoiam uns nos outros, para não caírem», diz a metáfora que encerra o filme. Seis histórias, todas passadas após o pôr-do-sol, «quando a vida é mais honesta». O americano que vê na alfacinha a mulher que perdeu para o cancro; os dois ladrões que não viram costas à amizade que os une; um arqueólogo que vive para as vidas passadas; um taxista que na busca de carinho mata →



uma prostituta e depois traz ao mundo uma vida; um piloto de aviões que não resiste aos encantos terrestres de uma mulher; um realizador que vive o último combate num filme sobre boxe.

Sr. Feliz e Sr. Contente

O «avô Lopes», como Bruno carinhosamente chama ao «padrinho e mentor» Fernando Lopes, viu-o nascer: «Sou amigo dos pais e acompanhei-o sempre. Falamos muito, mais sobre a vida do que sobre cinema. Temos em comum um olhar nostálgico, mas cheio de esperança. Olho para ele e rejejo-me», diz o realizador de *Belarmino* e *O Delfim*, que em *The Lovebirds* vive o seu próprio papel, o do realizador de cinema, que procura terminar um filme. É uma homenagem, acima de tudo. «Tudo o que o cinema tem de bom está no Fernando, na sua maneira de olhar a vida», desabafa Bruno.

Mas Fernando Lopes está bem acompanhado por Joe Berardo, que aqui aparece no papel do produtor, «o homem que representa o dinheiro e o poder». De cabeças encostadas e sorrisos cúmplices, fazem recordar o Sr. Feliz e Sr. Contente.

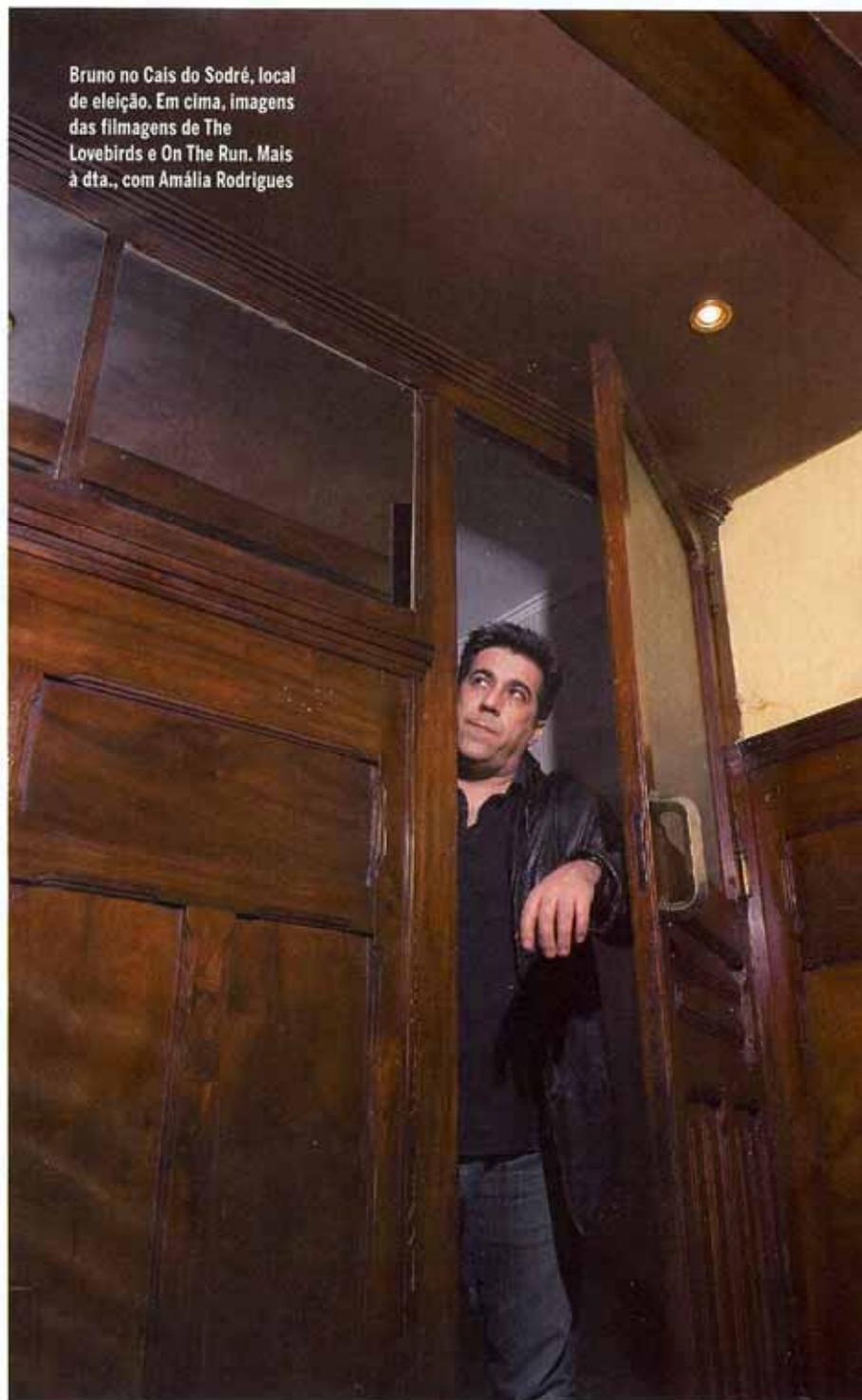
Amigos há anos – através da mãe do cineasta que trabalha com o empresário –, Bruno diz que bastou um telefonema para convencer Joe Berardo. «Convidei-o e ele aceitou logo. É um amigo, uma pessoa que está lá quando é preciso. E é um actor nato».

Um bando de bons malandros

É impressionante a capacidade de Bruno de Almeida para movimentar actores, realizadores, críticos – nacionais e internacionais – à sua volta.

A mãe, que também faz «uma perninha» no filme, justifica esta capacida-

Bruno no Cais do Sodré, local de eleição. Em cima, imagens das filmagens de *The Lovebirds* e *On The Run*. Mais à dta., com Amália Rodrigues





vinho e fechámos um negócio para o resto da vida. Vou fazer todos os meus filmes com eles, até ao fim da vida». Poucas semanas depois, John e Michael foram escolhidos para um dos maiores sucessos televisivos de sempre, a série **Os Sopranos**.

A **On The Run** ainda se juntaram John Frey, Nick Sandow, Drena De Niro, o núcleo duro daquilo a que Bruno chama «a família, o bando de bons malandros». Uma «relação de destino», acrescenta Michael Imperioli.

A amizade até já ficou imortalizada no livro **Imperfeccionistas**, de John Frey, que relata as aventuras de umas férias em Portugal, no ano de 2001: «Foi uma viagem infernal, mas hilariante. Perdemos o Ventimiglia em Óbidos depois de ele beber nove copos de absinto, que é proibido nos EUA».

Obsessão chamada Amália

Foi o destino, em que Bruno tanto acredita, que juntou o cineasta a Amá-



de aglutinadora com o seu «sentido de humor, generosidade e afecto». Os actores dizem que é um realizador que gosta de actores, que nada impõe.

A verdade é que estes são laços que começaram há mais de dez anos, no *casting* de **On the Run**, primeira longa-metragem de Bruno de Almeida e uma história baseada numa grande amizade. O cineasta escreveu o papel de Albert a pensar em Michael Imperioli, apesar de mal o conhecer. Quando o contactou, o actor de origem italiana tinha outro projecto. Desiluído, resolveu fazer o *casting* para a outra personagem, Louie. «Vi mais de 200 actores e no último dia, já a desesperar, entra o John Ventimiglia. Senti que tinha de ser ele. Depois expliquei-lhe que tinha escrito o outro papel a pensar no Imperioli mas que ele não podia, e o John diz-me que o Michael é o seu melhor amigo! Nessa noite fomos todos jantar, bebemos 12 garrafas de



lia, a outra referência sua, além de Fernando Lopes. Um rapazinho de vinte e poucos anos, indeciso entre a música, que o levava a atravessar o Atlântico, e o cinema, que sempre o acompanhou.

Estava em Nova Iorque há sete anos,

bang da minha vida. Encontrei-me ali, descobri-me nela. Apaixonei-me, fiquei obcecado. Nunca vou conhecer alguém com quem tenha uma proximidade tão forte». O jovem realizador tornou-se uma espécie de protegido, de quem Amália falava com carinho: «É bom rapaz, muito bonitinho, tem muita inteligência e vai fazer filmes de grande qualidade».

Bruno passou a integrar a 'corte' de Amália. Em Portugal «passava serões lá em casa», quando em Nova Iorque era a fadista que lhe telefonava. «Ela era incrível. Foi a pessoa que mais me ensinou sobre a vida. Tivemos uma amizade profunda. Tanto falávamos de amor como de história ou poesia».

Juntos ainda fizeram dois documentários – **Amália, Uma Estranha Forma de Vida** e **The Art of Amália**. Foi quando Bruno já estava a acabar a montagem do segundo que a fadista morreu, em 1999: «Estava na fase final do filme, com o escritor a beber um *whisky* e senti um frio na espinha. Disse-lhe que me ia deitar porque não me estava a sentir bem. Mal me deitei, o telefone tocou. Ainda hoje choro a morte dela».

Geração perdida

Nasceu em Paris, a 11 de Março de 1965, onde os pais, a gestora cultural Maria Nobre Franco e o sociólogo José Carlos Ferreira de Almeida,

eram «refugiados políticos». Percebeu cedo que «não podia dizer tudo o que queria», ganhou «consciência política».

A família vive, já em Portugal, o 25 de Abril, e Bruno lembra-se bem da

'Vou fazer todos os meus filmes com eles, até ao fim da vida', diz sobre amigos como Imperioli e John Ventimiglia

quando soube que Amália iria actuar no Town Hall. Fez uso dos contactos: o padrasto, Rui Valentim de Carvalho, era produtor da fadista. «Nem gostava de fado, mas era uma boa oportunidade de trabalho e tinha um bom contacto pessoal».

Chegado o dia do espectáculo, Bruno de Almeida e a sua reduzida equipa começaram a filmar o espectáculo. «Não sei explicar, mas a meio senti o maior

queixa daquela manhã. Tinha apenas nove anos. Saiu de casa com o pai, rumo ao Largo do Carmo. Vestiu o melhor fato: «Adorava o John Wayne e vesti uma camisa cor-de-rosa, um colete e levei uma pistola. Como o Wayne». Era a revolução.

Ainda «um puto», Bruno atirou-se de cabeça à histeria da liberdade. Ficou a dever anos à infância. Descobriu o Bairro Alto, o Frágil, o rock, começou a tocar →

guitarra. «A minha mãe dava-me liberdade total». A escola ficou perdida logo no 5º ano, que naqueles anos «ninguém fazia nada». Juntou-se a um grupo de fusão, a Contrabanda, com quem tocava no Hot Clube. A remuneração quase não existia. Vivía com o dinheiro que arranjava na rua e valia tudo. Há perguntas que vão ficando sem respostas. Bruno desculpa-se com frontalidade: «Há uma série de anos que não me lembro. Foram muitas drogas! É um período enublado... Fomos a geração perdida».

Em 1984, com 19 anos, Bruno de Almeida decide estudar música em Nova Iorque. Parte com o amigo e também músico Sérgio Pelágio. No bolso, «pouco dinheiro e um bilhete de ida e volta», recorda a mãe.

A primeira noite passou-a como pendura, em casa de uma prima de Pelágio, em Long Island. Dois dias depois, arranjou apartamento e já estava a «davar pratos e a servir às mesas».

Sete num quarto

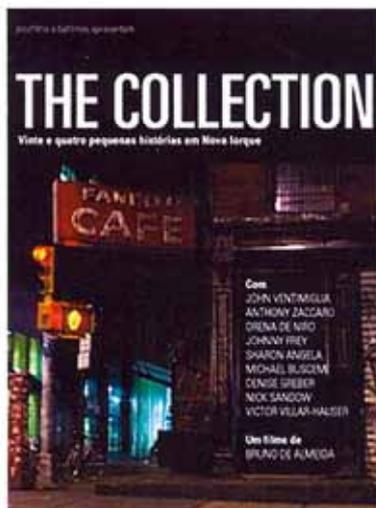
Na altura, a fauna artística portuguesa residente em Nova Iorque era grande. Sobretudo bailarinos, como Vera Manteiro, João Fiadeiro, Francisco Camacho, em busca de novas correntes. Foram estes os companheiros dos primeiros anos, colegas de casas, onde chegaram a ser «sete ou oito a dormir em fila num apartamento com um quarto».

Estudou com Mike Stern, guitarrista de Miles Davis, e com John Scofield. Depois, começou a tocar com os No Image, banda do trompetista Graham Haynes, filho do afamado baterista Ron Haynes. É com esta formação que chega ao palco do mítico Knitting Factory. A vida corria-lhe bem, mas a música «nunca pagou a renda».

Em 1988, arranjou um *loft* em Tribe-

'Senti um arrepio e não me estava a sentir bem. Mal me deitei o telefone tocou. A Amália tinha morrido'

ca, para onde entretanto se haviam mudado os portugueses que ainda resistiam. Numa noite, num bar, viu um moreno a dançar em cima de uma mesa com duas louras e pensou: «Aquele gajo só pode ser português!». Conversaram, descobriram que eram vizinhos e apresentaram-se. Aquele gajo era Joaquim de Almeida. Tornaram-se amigos. Descobririam, anos



mais tarde, que até primos são. «O Bruno luta pelo que quer e é muito persuasivo», revela o actor.

Entre o lava-louça, as mesas para servir e os concertos esporádicos, Bruno de Almeida passava o tempo enfiado em salas de cinema. Culpa da mãe, que nem tinha televisão, e «passava a

vida com a casa cheia de cineastas e a rumar ao cinema» com o filho.

Servir Bertolucci

Chegava ao fim a década louca dos 80 e Bruno sentia a necessidade de mudar. A resposta apareceu sentada na mesa de um restaurante onde servia. Ao ver Bernardo Bertolucci, o português fez uso do italiano que tinha



aprendido de ouvido (tal como as outras cinco línguas que conhece), avançou destemido para a mesa do realizador de *O Último Tango em Paris* e disse-lhe que gostava muito de cinema, que queria trabalhar na área, mas não sabia o que fazer. O conselho não

tardou: «Vende tudo o que tens, compra uma câmara e começa a filmar». Vacilante perante uma sugestão tão radical, Bruno ainda voou até Roma, atrás de uma prima que conhecia Ennio Morricone. O compositor especialista em música para cinema não o recebeu, porque Bruno «não tinha o conservatório». Para esquecer o desgosto, a prima levou-o a visitar a Cinecittà, estúdios de onde saíram sucessos como *Quo Vadis*. Regressou aos EUA, pôs «à venda todos os instrumentos», comprou uma câmara, e inscreveu-se na Film Video Arts – uma escola e produtora independente.

película que os profissionais haviam deixado. Durante meses, fora de horas, foi colando esses recortes de vida que outros haviam filmado e fez a primeira obra. «O filme nem tinha nome, mas cheguei a projectá-lo na escola».

Cannes e Hollywood

Abriu a Arco Films, em 1990, «só para poder contratar pessoas para gravar o concerto da Amália». O tal projecto

cisco Camacho. No ano seguinte, Bruno atirou-se de cabeça ao primeiro filme, a curta-metragem *A Dívida*, com Paul Lazar, Kristen Johnston e Scott Renderer. Corria 1993 e o filme tornou-se um campeão de prémios, entre os quais ganha o prémio da crítica para Melhor Curta-Metragem no Festival de Cannes. Em Portugal, a curta chegou às salas, fazendo a abertura de *Muito Barulho Para Nada*, de Kenneth

‘Nunca tive o sonho de trabalhar para Hollywood. Tenho os meus amigos, faço os meus filmes. Estou contente’



Como o dinheiro não esticava, «trabalhava na escola para pagar o curso». Tomava conta do equipamento, limpava, montava, editava. «Depressa aprendi a mexer em tudo». Ao final do dia, corria as salas de montagem e limpava os caixotes onde ficavam os restos de

que o fez cruzar-se com a diva do fado. Desse trabalho nasceu o vídeo *Amália, Live in NYC*, o primeiro de três projectos sobre a fadista.

Dois anos depois de criar a Arco, foi contratado para gravar, para a RTP, *O Rei no Exílio*, sobre o coreógrafo Fran-

Branagh, mas passou despercebida.

O mesmo aconteceu com a primeira longa-metragem de Bruno de Almeida, *On the Run*. Produzido com Tino Navarro, o filme levou mais de cinco anos a fazer, levando o realizador «ao desespero», mas proporcionou o encontro da tal «família» de actores. O filme ganhou o Grande Prémio do Festival Independente de Ourense e chegou às salas portuguesas em 1999, sem grandes ecos. Nos EUA, sobretudo após *Os Sopranos*, «tornou-se um filme de culto». Depois deste projecto, continuou a fazer cinema e televisão. Como a série *Independent Focus*, os documentários *Beyond Borders*, *Ena Pá 2000 Live*, *O Candidato Vieira, Live/Evil* e o filme *The Collection*.

Conta que chegou a ser sondado «por grandes estúdios, mas nunca foi sonho trabalhar para Hollywood». Recusou tudo. «Tenho os meus amigos, faço os meus filmes. Estou contente por estar onde estou».

Depois de *The Lovebirds* – que em breve chegará às salas portuguesas e que foi o responsável pelo regresso a Portugal depois de 22 anos nos EUA –, conta ficar em Portugal até terminar o projecto que tem em mãos, com o título provisório de *Broken Fingers*. Escrito por Scott Pardo, que recentemente trabalhou com Abel Ferrara, o filme retrata o percurso sinuoso de um músico refugiado em Lisboa, interpretado por Michael Imperioli.

Depois logo se vê. «Vou para onde houver um filme para fazer». E pouca luz, que Bruno de Almeida acha «a luz deprimente». «A noite é mais poética e honesta, mais focada nas emoções. Prefiro dormir durante o dia». Como um vampiro. ☑